

VIAJAR É PRECISO: CUBA

Maria Rita de Assis César*

André Duarte**

O texto que se segue é um relato de viagem, um diário de reflexões, impressões e associações provocadas pelo confronto com o desconhecido. A experiência de uma viagem a Cuba começa antes mesmo de se obter o visto de turista. Basta comentar com os amigos, ninguém fica indiferente:

– As praias são maravilhosas, meu primo esteve em Varadero, vi umas fotos que você não acredita.

– É, e o sistema de saúde é avançado, é pra todo mundo; diz que não tem criança na rua, essa miséria ali, no sinal de trânsito.

– Imagina, aquilo é um miserê danado, não foi o próprio Brecht que falou que o socialismo, em vez de ser a divisão igualitária da riqueza, era a divisão da pobreza para todos?

– E ainda por cima, uma ditadura!

– E homofóbica! Você não viu aquele filme?

– Qual, *Morango e Chocolate*?

– Também, mas eu tava falando de outro, daquele que...

– É mesmo, tinha esquecido, aquele do poeta gay que é preso em campos de concentração...

– Esse mesmo, depois ele consegue emigrar, mas morre de Aids em Nova York.

– Tristeza, hein, e você vai pra lá?

– Mas aquele filme é ruinzinho, hein? Você não achou? Só escapa o Javier Bardem!

– O filme não sei, mas dizem que o poeta era bom. Reynaldo... qualquer coisa...

* Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora Adjunta do Setor de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: mritacesar@yahoo.com.br

** André Duarte Doutor em Filosofia pela USP. Professor Adjunto do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: andremacedoduarte@yahoo.com.br

– Arenas, não era isso? Pois é, barra pesada, será que ainda é assim por lá?
 – Claro que é, você não viu aquele dissidente, o cara morreu em greve de fome...
 – É, mas em Guantánamo os americanos têm a base, você sabe que lá é bem pior...

– Além disso, a repressão aos gays foi no passado, hoje mudou tudo, os caras em Cuba estão a ponto de aprovar casamento gay!

– Duvido!

– Ah, mas tem a música, aquilo é sensacional! Em Cuba você deve escutar música da melhor qualidade em todo lugar, quem não gosta do Buena Vista Social Club?

– E a Omara Portuondo ainda está em plena atividade; e tem os drinks, imagine, deve ser o paraíso! “Mi mojito en la Bodeguita, mi daiquiri en el Floridita”, não era assim a frase do Hemingway?

Sim, Cuba é tudo isso; não, Cuba não é nada disso; Cuba é muito mais, às vezes também é muito menos. Jano bifronte, para cada maravilha um senão, e vice-versa.

* * *

Ir a Cuba é fazer uma viagem, se aceitarmos que uma viagem propõe surpresa, pensamento, encanto e decepção, que ela dá e não dá o que se esperava encontrar. E, sobretudo, ir a Cuba constitui uma viagem no sentido de que você não passa imune à ilha, não volta do mesmíssimo jeito que foi. O que, no nosso caso, não significou voltar de lá flertando com os Democratas ou exibindo camisetas com a estampa do Che e um boné com as insígnias *del Comandante*. Porque isso também existe, e muito, em se tratando de viagens a Cuba. Não são poucos os que no Brasil se dizem de ‘esquerda’ e voltam de lá horrorizados com a pobreza, a débil infraestrutura, a precariedade de alguns serviços; assim como *también los hay quienes* por aqui se locupletam com a social-democracia nacional e seus sonhos de modernização, mas mal conseguem disfarçar o encanto com as crianças uniformizadas, bem nutridas e bem cuidadas, recém saídas da escola, brincando livremente pelas ruas de uma capital com mais de 2 milhões de habitantes.

Cuba não se deixa capturar pelos estereótipos fáceis, mas tampouco é possível se desvencilhar deles com facilidade. Antes mesmo de chegar ao país, nós, brasileiros, já somos, desde sempre, a favor ou contra Fidel. As elites e as classes médias estudadas parecem ter certo fascínio mórbido por Cuba e, por isso, todos precisamos ter uma sólida opinião pré-formada sobre o assunto. Seja como for, a visita a Cuba só começa quando suspendemos (ou tentamos fazê-lo) os preconceitos que nublam os contrastes que despontam em toda parte, assim que conseguimos abrir o olho. Apenas então começamos a enxergar um país no qual as coisas nunca parecem ser aquilo que são e nunca são aquilo que parecem ser. Em seu caráter contraditório e dialético, Cuba talvez tenha preservado algo de certa herança marxista...

Ao longo dos anos de 1970 e 1980, a esquerda brasileira (e mundial) jamais abordou a questão da homofobia em Cuba, visto que isto sequer era uma questão para os PCs e seus derivados político-partidários. Assim, quando foi lançado no Brasil, o filme *Morango e Chocolate* causou impacto. Para muitos, este filme representou o primeiro contato com o cinema cubano e com a repressão aos gays na ilha de Fidel. O diretor, Tomás Gutierrez Álea, era já consagrado em Cuba, talvez o principal nome de um país que, principalmente depois da Revolução, prezou a sétima arte e nunca deixou de ter uma produção consistente e constante. *Morango e Chocolate*, co-dirigido por Juan Carlos Tabío (essa colaboração se estenderia ao hilário *Guantanamo*, de 1995), aborda a conturbada relação entre um jovem universitário, militante político, e um homem mais velho, homossexual e ligado ao meio das artes (o excelente Jorge Perugorria). O filme é de 1993, época do chamado ‘período especial’, eufemismo com o qual o governo cubano denominou a crise econômica avassaladora que se abateu sobre a ilha após o fim da URSS. No entanto, a ação narrada se dá no ano de 1979, época áurea do socialismo cubano movido a dinheiro soviético. O contraste entre o refinamento cultural do crítico de arte e a ignorância preenchida de toscos preconceitos doutrinários é impressionante, resultando numa denúncia cruel da pobreza intelectual da revolução cubana. É de se pensar que um filme dessa natureza somente chegou ao público porque seu diretor tinha larga história no cinema cubano - *Memórias do subdesenvolvimento* é de 1968, mas a filmografia de Álea retrocede ao final dos anos de 1940 - e talvez, também, porque então eram precisas válvulas de escape em meio à fome e ao caos. Os dois personagens se encontram na Sorveteria Copelia, um marco histórico na cidade de Havana. Durante o pior momento da crise, as filas - que ainda hoje estão lá, mas agora são pequenas - eram imensas, visto que a sobremesa se transformara em prato principal. Outro filme que projetou intencionalmente o problema da homofobia em Cuba foi *Antes que anoiteça*, de Julian Schnabel (2000). O filme é irregular e muitas vezes se perde em seu intento de adaptar para o cinema a autobiografia do poeta Reynaldo Arenas, homossexual, duramente perseguido ao longo dos anos de 1970, magnificamente interpretado por Javier Bardem.

E hoje, como andam as coisas em Cuba? Quanto a esse aspecto, definitivamente Cuba não é mais a mesma, sobretudo por causa da atuação política e intelectual de Mariela Castro, filha de Raúl Castro e a mais importante difusora das políticas de gênero na ilha. Por certo, os homossexuais da alta hierarquia partidária e governamental não são assumidos, como na maior parte do mundo liberal. No entanto, contrariamente à maior parte do mundo liberal, a televisão estatal cubana aborda e enfrenta a homofobia de maneira clara e explícita, sem pudores e meias palavras, com direito a beijo na boca em horário nobre.

Num momento belo e dramático de *Morango e Chocolate*, quando Diego (Perugorria) explode em choro e conta a Davi (Vladimir Cruz) que vai fugir do regime para nunca mais poder voltar, ele diz algo mais ou menos assim: “tenho mais de trinta anos, não aguento mais adiar minha vida. Quando chegará o dia em que os homossexuais serão tratados com dignidade neste país? Nunca chegará o dia!” Se este dia ainda não chegou, ele está cada vez mais próximo de chegar a Cuba; certamente, este dia está mais próximo lá do que na maioria das democracias ocidentais...

* * *

A viagem a Cuba despertou o interesse pela literatura cubana. O primeiro livro que li foi o romance que projetou Alejo Carpentier à cena literária mundial, *Os passos perdidos*, traduzido por Marcelo Tápia e publicado em 2008 pela Martins Fontes. O livro conta a história de um musicólogo desencantado que recebe a missão de encontrar certos instrumentos musicais indígenas para trazê-los ao acervo do museu de uma universidade norte-americana. Quanto mais se embrenha na amazônia venezuelana, deixando para trás os vestígios da civilização moderna, mais o personagem narrador sente vibrar em seu corpo e em seu espírito o apelo de uma natureza intocada que lhe impõe seus mistérios e exuberância. Logo após o instante da mágica conversão às forças da natureza primordial, em plena selva, o narrador toma em suas mãos a *Odisséia* que um mineiro grego lhe oferecera de presente, poucos dias antes de desaparecer no turbilhão verde em busca de ouro e diamantes. O personagem abre o livro ao acaso,

topando [...] com um parágrafo que me faz sorrir: aquele em que se fala dos homens que Ulisses despacha ao país dos lotófagos, e que, ao provar a fruta que dava ali, esquecem-se de retornar à pátria. ‘Tive de trazê-los à força, soluçantes’ - conta o herói - ‘e acorrentá-los sob os bancos, no fundo de suas naus’. Sempre me incomodara, no maravilhoso relato, a crueldade de quem arranca seus companheiros da felicidade encontrada, sem oferecer-lhes outra recompensa além de servi-lo. Nesse mito vejo como que um reflexo da irritação que causam sempre à sociedade os atos de quem encontra, no amor, no desfrute de um privilégio físico, num dom inesperado, o modo de subtrair-se às fealdades, proibições e vigilâncias padecidas pelos demais. (p. 214-215)

Não importa se Carpentier leu ou não a *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer. Acho pouco provável que a tenha lido, embora seu romance seja de 1953. Mas essa não é a questão. Seja como for, o romance parece estabelecer inúmeras correspondências com a temática abordada no ensaio filosófico dos frankfurtianos.

O narrador é musicólogo, como Adorno; como Adorno, Horkheimer e tantos outros pensadores de meados do século passado, também o narrador de *Os passos perdidos* conheceu de perto

a Mansão do Calafrio, onde tudo era testemunho de torturas, extermínios em massa, cremações, entre muralhas salpicadas de sangue e de excrementos, montões de ossos, dentaduras humanas empilhadas num canto a pazadas, sem falar das mortes piores, obtidas a frio, por mãos com luvas de borracha, na brancura asséptica, nítida, das câmaras de operações. A dois passos daqui, uma humanidade sensível e cultivada - sem fazer caso da fumaça abjeta de certas chaminés, pelas quais haviam brotado, um pouco antes, preces uivadas em iídiche - seguia colecionando selos, estudando as glórias da raça, tocando pequenas músicas noturnas de Mozart, lendo a Pequena Sereia de Andersen aos meninos. Isto também era novo, sinistramente moderno, pavorosamente inédito. (p. 102-103)

Além do recurso à *Odisséia* em um momento estratégico de sua narrativa, também ele fundamental no ensaio dos frankfurtianos, Carpentier descreve a viagem de um homem moderno, esclarecido, rumo à contracorrente do tempo, isto é, rumo a um tempo em que presente e passado se confundem, tempo no qual homem e natureza estipularam um pacto entre si, tempo em que o homem ainda desconhece a renúncia e não se priva da plena fruição da felicidade. Será que Carpentier não estaria dando contornos mais precisos (e por isso, talvez, mais problemáticos) àquele horizonte utópico de reconciliação entre homem e natureza apenas balbuceado por Adorno e Horkheimer?

* * *

Confesso que quando iniciei a leitura de *Os passos perdidos* não sabia se chegaria a terminá-lo. De algum modo, parecia que a obra tinha sua data de validade expirada. Por certo, não estava em questão a habilidade narrativa de Carpentier, cuja aptidão para a recriação barroca de situações fantásticas é inegável e com facilidade atinge o virtuosismo. Veja-se, por exemplo, seu pequeno romance, *Concerto Barroco*, de 1974, publicado no Brasil em 2008 pela Companhia das Letras. Em uma cena memorável, Carpentier faz encontrarem-se e tocarem juntos Vivaldi, Scarlatti e Haendel, aos quais se somam um rico viajante mexicano fantasiado de Montezuma (estamos em pleno Carnaval de Veneza) e seu pagem negro cubano. A certa altura, para escapar ao ruído dos festejos de rua, os personagens refugiam-se no interior de um convento. Arma-se então um concerto de improviso, à maneira de uma *jam session* jazzística,

que culmina com o negro percutindo ritmos caribenhos que desafiam a destreza e a diligência dos compositores, do coro e da orquestra. A cena se encerra num ritual carnavalesco mais do que profano, em que todos dançam e serpenteiam pelo convento, conduzidos por Montezuma.

O problema com *Os passos perdidos* me parecia ser a inteireza metafísica de seu narrador, sempre completo, certo e seguro de si em seu tédio e em seu júbilo, em seu espanto, em seu medo e em suas incertezas. Ultimamente vinha lendo muito Roberto Bolaño, Ricardo Piglia e Roberto Arlt, o que talvez explique minha desconfiança face à aparente densidade subjetiva do narrador de Carpentier. Veja-se, por exemplo, a descrição do tédio burguês do artista de vanguarda:

Quando se festejava o meu aniversário em meio às mesmas caras, nos mesmos lugares, com a mesma canção repetida em coro, assaltava-me invariavelmente a idéia de que isto só diferia do aniversário anterior na aparição de uma vela a mais sobre o bolo cujo sabor era idêntico ao do vez precedente. (p. 11)

A descrição é exata, mas demasiado bela, demasiado consciente, demasiado refletida, por assim dizer. Ou então, leia-se essa descrição da nostalgia: “Um doloroso amargor avolumou-se em minha garganta ao evocar, através do idioma de minha infância, tantas coisas juntas. Decididamente, estas férias me enterneciam.” (p. 14). Ou ainda, a descrição de júbilo no primeiro encontro com o rio caudaloso que adentra a selva amazônica:

Nada faz ruído, nada se choca com nada, nada roda nem vibra. Quando uma mosca em vôo dá com uma teia de aranha, o zumbido de seu horror adquire o valor de um estrondo. [...] Permaneço mais de uma hora aqui, sem me mover, sabendo quão inútil é andar onde sempre se estará no centro do contemplado. (p. 119)

Mesmo as dúvidas e o medo, ao penetrar no coração da selva, são expressas de maneira perfeita e completa:

Já não se sabia o que era da árvore e o que era do reflexo. Já não se sabia se a claridade vinha de baixo ou de cima, se o teto era de água, ou a água, solo; [...]1 Com o transtorno das aparências, nessa sucessão de pequenas miragens ao alcance da mão, crescia em mim uma sensação de desconcerto, de total extravio, que resultava indizivelmente angustiada. (p. 174)

Ocorre, no entanto, que ao narrador impor-se-á o mesmo destino trágico a que já haviam sido submetidos os heróis lotófagos do relato homérico: aqueles que, tendo se fartado do lótus, foram depois obrigados a renunciar ao êxtase. Após sua conversão às forças primordiais da natureza, o narrador será arrancado de seu idílio e todos os seus esforços posteriores por recuperá-lo fracassarão. Ao fim e ao cabo, a novela se chama *Os passos perdidos*. O que propriamente se perde enquanto acompanhamos tais passos? Justamente aquela integridade subjetiva substancial que acompanhara a voz do narrador ao longo de boa parte do romance. Ao terminar a leitura, estamos uma vez mais às voltas com os farrapos maltrapilhos de uma subjetividade esgarçada e descosturada por dentro. Chegamos, pois, ao limiar dos romances latino-americanos que nos são contemporâneos. Por um caminho elíptico e cheio de desvãos, os passos de Carpentier me trouxeram de volta aos personagens anêmicos de Piglia e Bolaño.

* * *

Em Cuba, a política pretenderia estar em toda parte, coesa em torno aos ideais supremos do trabalho, estudo e fusil... Mas é claro que isso não é assim, felizmente. A vida segue seu curso cotidiano e o visitante mais atento rapidamente percebe que há um abismo entre a política oficial, propagada muitas de vezes de maneira artesanal em cartazes e pinturas de parede, e as vicissitudes diárias de um povo que enfrenta inúmeras dificuldades econômicas sem abaixar a cabeça e com um senso de humor cáustico que tem lá a sua graça. Mas não é fácil apresentar mais do que impressões vagas a respeito da atual situação política em Cuba. Que se trata de uma ditadura, apenas *los muy* convictos o negariam. Por outro lado, quem reproduz o discurso fácil que condena Cuba a não ser mais que uma reminiscência do antigo bloco soviético em pleno Caribe perde de vista especificidades que, sim, fazem a diferença. Esta é uma ressalva importante, pois no Brasil ainda ouvimos, vez por outra, aquele triste coro de intelectuais ávidos por “apresentar sua solução inteligente no bloqueio a Cuba”, segundo a fina ironia de Caetano Veloso e Gilberto Gil na canção ‘Haiti’.

Por certo, a Cuba de hoje em nada se assemelha a uma sociedade militarizada ou policiada de maneira ostensiva, e a propaganda política vem diminuindo a olhos vistos. Evidentemente, o acesso à informação extra-oficial é difícil e será tanto mais difícil quanto mais tais informações se mostrarem críticas ao regime. Para saber algo mais a respeito da vida cotidiana e política em Cuba é preciso conversar com os cubanos, e isto tampouco é fácil para o turista, a não ser que ele consiga estabelecer alguma cumplicidade cuidadosamente tramada. Se isto ocorre, então pode-se aprender algo mais, o que também significa que há redes clandestinas de difusão de informação no país. A propósito, a visita a Cuba também instiga desconfianças em

relação à nossa suposta liberdade de informação: sabemos tudo ao mesmo tempo em que não sabemos nada, pois as informações nos chegam pautadas e diluídas. Em suma, Cuba faz pensar, e muito, nos limites políticos a que estamos sujeitos no assim chamado ‘mundo livre’.

Cuba é, de fato, uma ilha isolada do mundo, mas tal isolamento se fecha em torno a dois polos ideológicos contrapostos que se complementam e se unificam: a burocracia partidária de Cuba e a extrema direita dos Estados Unidos. Por um lado, a burocracia cubana sobrevive e se alimenta politicamente das dificuldades econômicas impostas pelo terrível bloqueio econômico, pois ele propicia condições adequadas para a suposta ‘unidade’ do povo contra o poderosíssimo inimigo *yanqui*. Por outro lado, a extrema direita republicana sabe que jamais dobrará Cuba a seus interesses predatórios, mas a ela interessa manter o bloqueio draconiano intocado, pois tal medida sustenta sua hegemonia política em certos estados norte-americanos. Ao que parece, o fim do bloqueio não interessa a nenhuma das partes.

Escorada na relativa melhoria econômica propiciada pela recente exploração do turismo, resta saber por quanto tempo será possível à burocracia manter inalterada a situação política. Afinal, a mesma abertura econômica que traz o turista e que melhora a infraestrutura, também traz consigo a expansão (ainda limitada) da internet, da televisão a cabo nos *lobbies* abertos e públicos dos hotéis, além de propiciar maior contato da população com os hábitos e gostos dos estrangeiros. Hoje é evidente que a relação dos cubanos com a memória e o legado da revolução está diretamente associada à idade dos indivíduos. Aqueles que cresceram em meio à abertura econômica, por exemplo, já seguem as estrelas do futebol europeu, vestem-se com a roupa do ‘inimigo’ e possivelmente sonham com um mundo mais ágil e de consumo diferenciado. Por outro lado, aqueles que viveram o auge do legado da revolução e suportaram as agruras da fome durante o período especial (1990-1995) temem, muito justamente, que uma reviravolta súbita ponha a perder o sistema educacional e de saúde do país, certamente melhores do que os de muitíssimos países e regiões do Caribe e da América Latina. A sorte está lançada.

* * *

Recentemente, notícias sobre dissidentes cubanos têm alcançado grande visibilidade e audiência. Sem negar que haja uma ditadura em curso, a visibilidade alcançada pelos dissidentes significa não apenas que o regime atual apresenta sinais de debilidade, mas também que ele não é suficientemente coeso e brutal a ponto de impedir a crescente atuação de *blogueiros* e outros ativistas, frequentemente conhecidos na ilha e no exterior. De qualquer modo, o assunto é complexo e exige

cuidado, em vista da carga de preconceitos que pesa sobre Cuba. Uma coisa é certa. Quem viveu sob uma ditadura, lutou contra ela e vibrou com seu fim não pode deixar de se colocar ao lado dos dissidentes e dos presos políticos cubanos em sua luta por liberdade de expressão e atuação política. Por outro lado, contudo, quem engrossa o coro dos que somente enxergam Cuba pelo prisma da violência, do estalinismo, da coerção policial, da precariedade econômica, da insegurança e da desconfiança cotidianas, joga um jogo de cartas marcadas cujas regras foram estabelecidas há muito tempo. Este jogo tem lá suas peculiaridades, conforme seja jogado no Brasil, nos Estados Unidos ou na Europa. Vejamos como ele é jogado entre nós.

É um escândalo, por exemplo, a ausência de liberdade dos cubanos para sair do país. Descontadas as dificuldades burocráticas para obter a permissão legal para sair do país, quem emigra ilegalmente é proibido de voltar a viver ali. No Brasil, entretanto, muitos dos que protestam contra tais medidas absurdas, simplesmente se esquecem dos milhões de brasileiros pobres ou miseráveis que jamais sairão de sua região, para não falar nos milhares que, a cada ano, perdem a vida na violência do trânsito, nos assaltos e roubos, em cada esquina escura violentada pelo tráfico de drogas e de armas, na brutalidade doméstica e de gênero, nos tiroteios no campo e nas favelas, na tortura sistemática nos presídios e delegacias, etc, problemas que são desconhecidos dos cubanos. Eis aí a peculiaridade do jogo brasileiro na difamação a Cuba. Entre nós, os meios de comunicação nada falam sobre o fato de que Cuba, um país pobre do Caribe, é também um país extremamente seguro e pouco policiado, um lugar onde a população desconhece a cultura da violência e ainda cultiva hábitos como caminhar à noite por ruas, avenidas e praças pouco iluminados, encontrando amigos e batendo papo a esmo. Em boa parte, o segredo dessa equação aparentemente incompreensível entre segurança, pobreza e dignidade se encontra numa educação voltada para o respeito e para a solidariedade. Também sobre isso, a *Veja* e o *Jornal Nacional* nada têm a declarar.

Em suma, a crítica mais do que justa e legítima aos absurdos políticos e econômicos do regime cubano não pode ser feita em nome da glorificação cega de nossas (supostas) liberdades políticas e econômicas. Somente sob essa condição a crítica necessária às deformações autoritárias do regime cubano rompe o laço perverso que tantas vezes a vincula à mais pura hipocrisia ideológica.

